

UTI em estado de emergência

Para tirar da UTI a Unidade de Terapia Intensiva da Neonatologia do Hospital Regional da Asa Sul (HRAS) é preciso adotar toda a rede de saúde. A opinião é do coordenador de neonatologia da Secretaria de Saúde, Raulê Almeida, defensor do fortalecimento da política de hierarquização e regionalização do atendimento. "Solucionando-se o problema na base, se chega a uma solução também no ápice", resume. Uma comissão está avaliando a assistência neonatal de cada hospital e também as carências de cada unidade, quanto a recursos humanos, materiais e espaço físico. "Todas serão atendidas gradativamente", assegura Almeida.

A prioridade é adotar os hospitais regionais para que tenham condições de assistir todos os seus bebês até o nível secundário — bebês com patologia, mas que não correm risco de vida. Dessa forma, explica o coordenador, deixam de ser transferidos os bebês que congestionam o médio-risco do HRAS. Raulê Almeida enfatiza que com os recursos existentes, já vem sendo desenvolvido um trabalho de adequação da estrutura física, bem como das instalações nos hospitais regionais.

"Em cada berçário o número de leitos pode e deve crescer em 20%", explica Almeida. A Fundação Hospitalar conta com 529 leitos para atender uma média de 99.48 nascimentos por dia. A proporção é satisfatória no contexto geral, na avaliação do coordenador. "Não temos carência para assistência global, mas sim para atender a criança de alto risco", frisa, "mas essa deficiência está sendo resolvida", assegura. Ele afirma que o trabalho na base já reflete no hospital terciário: "Os Hospitais de Taguatinga, Ceilândia e Gama já começam a segurar os seus pacientes de médio-risco", verifica Almeida. (E.T.)